

Juventude, exclusão e identidade

Norma Takeuti*

Resumo. Estas notas de pesquisa datam de 1997 e apontam os eixos fundamentais de investigação na abordagem da Sociologia Clínica sobre os jovens das periferias urbanas submetidos ao processo de estigmatização e rejeição sociais. As análises centram-se sobre os seus processos de construção identitária nas suas relações com as violências sociais, psicológicas e simbólicas.

Palavras-chave. Juventude, estigma, conflitos, exclusão, identidade, violência.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A problemática da juventude nos anos 90, tal qual está sendo colocada pela sociedade em geral, quer sejam nos *países avançados ou periféricos*, é a de que os jovens encontram-se na *negação absoluta* e de que a juventude encontra-se hoje “mais violenta”. Predomina, na sociedade, a idéia de *caos social*, de *vazio*, de *desencantamento* e de *niilismo*, refletindo-se intensamente no comportamento dos jovens. Análises e reflexões recentes sobre os comportamentos juvenis ressaltam, entre tantas características “desviantes” da juventude de hoje, determinados fatos, tais como¹: aumento alarmante na

* Norma Takeuti é doutora/professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN.

¹ Haja visto o polêmico filme “Kids” de Larry Clark, 1995. O caderno Mais da Folha de SP de 01/10/95 ao retratar em diversas matérias os “olhares” clínicos, sociológicos, antropológicos e jornalísticos sobre os “Kids dos anos 90”, fornece-nos algumas indicações sociais das idéias mais correntes sobre essa temática. Vide também, a *Revista Isto É*/1423, de 08/01/97, pp. 28-33, “*Os rebeldes sem causa - As gangues de adolescentes crescem em todo o País, depredam escolas, espalham o terror e matam em confrontos com grupos rivais*”. As matérias de imprensa constituem-se em fontes importantes de coleta de dados sobre as significações sociais existentes em torno do fenômeno juvenil contemporâneo.

estatística que apontam crimes e delitos graves dos adolescentes; “os Kids hoje só se interessam por drogas, sexo, transgressão e violência gratuita”, recusando o trabalho e a educação; aumento de *gangues* juvenis que se fazem reconhecer pela prática do vandalismo; *niilismo*, *desprezo*, “gozo” com a destruição e *indiferença* pelos outros, pela sociedade e pelo que ocorre no mundo, enfim, o *vazio total*.

A contemporaneidade, por muitos nomeada de *sociedade pós-moderna*, parece provocar o sentimento de que a ordem está completamente desfeita, de que o real escapa e de que a ordem parece se dissolver na sucessão de constantes mudanças (Balandier, 1988). A modernidade, observa este autor, está *super-ativada*, de forma a produzir incessantemente o desconhecido e tornando o homem estranho àquilo que ele próprio cria. O homem não sabe mais entender o universo social e cultural que ele próprio forja. A *deriva social* e a *crise de valores* da sociedade atual inflete, de maneira aguda, sobre as condutas sociais dos jovens, e em particular, sobre as suas formas de subjetivação.

Embora tenhamos um objetivo mais amplo de compreensão da problemática da juventude dos anos 90 e sua relação à violência contemporânea, no contexto sócio-histórico e cultural deste fim de milênio, caracterizado por grandes transformações em todas as esferas da vida humana a partir dos desdobramentos verificados no projeto da modernidade no tocante ao desenvolvimento do processo de individualismo, da instauração de uma nova lógica social e um novo significado social da violência, este estudo centra-se nos jovens das camadas pobres dos bairros periféricos², submetidos ao processo de exclusão social e envolvidos na prática da transgressão (uso de drogas, prostituição, práticas de “violência” nas ruas que vão desde a provocação às pessoas aos atos de vandalismos grupais, enfim aquelas práticas que no senso comum são comumente denominadas de “delinquentes e marginais”).

Conscientes de que o envolvimento com a violência não é exclusivo deste segmento social juvenil, a nossa opção por este campo empírico justifica-se pelo fato de: por um lado, ser ele o alvo privilegiado das representações “negativas”³ concernentes à juventude contemporânea e por outro, ser ele, objeto de práticas institucionais equivocadas, tendendo a reforçar a sua imagem de *delinquentes*, e cujas maiores conseqüências são as de colocar amplas parcelas da juventude de camadas pobres num impasse de inserção profissional e social.

² O nosso *locus* de trabalho de campo são os bairros periféricos da cidade de Natal-RN.

³ Malgrado a mídia estar trazendo maior visibilidade da “marginalidade” e “delinqüência” dos jovens das classes sociais “média e alta”.

Aos olhos da opinião pública, a periferia cristaliza estes problemas (de violência que a sociedade dual gera): é dentro desta periferia que se situa a maior parte das dificuldades sociais. (...) É lá que se ajuntam todos os desfavorecidos e se juntam os símbolos 'objetivos' da marginalidade. (Trata-se) do local de 'relegação'. (Lapeyronnier, 1992)

Temos como hipótese que as questões abaixo relativas aos problemas enfrentados pela juventude contemporânea em geral, apresentam um caráter mais acentuado quando nos referimos aos jovens dos segmentos sociais excluídos da sociedade, do trabalho e do consumo:

- de que dispositivos simbólicos dispõem os jovens da contemporaneidade?
- o que ocorre no imaginário dos jovens de uma sociedade *pós-moderna* caracterizada como vazia de projetos sociais, explosão de referências tradicionais de ancoragem das identidades, variedade das referências, onde as certezas se esvanecem diante de tantas turbulências, de desordens sociais e políticas, de tantas desavenças de valores, ...?
- a sociedade atual não carece de ofertas de meios para a canalização de suas energias e criatividade, de expressão dos seus desejos de exercício da liberdade, fazendo com que o imaginário tenha que ser espremido no simbólico ofertado pelas instituições existentes?⁴
- se "o trabalho está no coração da vida social e pessoal dos indivíduos: é pelo trabalho que eles se definem socialmente, que se inserem num certo nível social e que constroem sua identidade pessoal; o trabalho é de qualquer maneira a norma de integração" (Lapeyronnier, 1992:3), quais são as perspectivas hoje existentes, nesse processo de mundialização de escassez de ofertas de trabalho, para a juventude atual?

E para os jovens das *periferias* natalenses? Para eles, a questão do que fazer diante das poucas opções que o *espaço* local oferece aos jovens em

⁴ Referindo-se às formações de gangues, Bloch e Niederhoffer (1958:17), observam que "a intensidade das experiências da adolescência depende do modo pelo qual a sociedade promove o ingresso na condição adulta, através de padrões institucionalizados, cerimônias, ritos e rituais, preparo intelectual e emocional socialmente fundado. Quando a sociedade não provê esse adequado preparo, formas equivalentes de comportamento florescem espontaneamente entre os adolescentes, reforçadas pela própria estrutura dos grupos por eles constituídos" (apud. M. A. Foracchi, 1972)

geral, independentemente de sua posição de classe, é ainda mais aguda. Que dispositivos materiais concretos eles dispõem para fazer face à carência, no seu sentido mais amplo - o da realização pessoal e social, principalmente, quando se tratam de categorias de jovens que se encontram na exclusão social? Que dizer então de dispositivos simbólicos que lhes permitam a simbolização de seus "conflitos típicos da juventude" (busca de modelos identificatórios, busca de regulação à "crise de identidades")?

EXCLUSÃO, ESTIGMA E IDENTIDADE

A exclusão social de amplas camadas de populações já não é mais um fenômeno típico de países "subdesenvolvidos". Trata-se de um dado intrínseco ao próprio modelo de desenvolvimento capitalista, neoliberal. A "luta pelos lugares" mobiliza trabalhadores e desempregados mais do que a luta de classes (Gaulejac & Taboada, 1994).

Nesse contexto, os jovens sentem que o "combate maior é o da inserção na sociedade", pois a "exclusão é uma realidade massiva notadamente entre os jovens" (Lapeyronnier, 1992). Nem os estudos superiores são garantia de um lugar profissional e social, embora as chances sejam muito maiores para os que detenham um diploma superior do que para os jovens de camadas populares e pobres que não tiveram a oportunidade de realizar uma trajetória escolar completa.

No Brasil, grande contingente de jovens das camadas pobres já se encontram ejetados do mercado de trabalho e de consumo, já nas suas infâncias, quando precocemente começam a "trabalhar" nas ruas e, conseqüentemente, abandonam a escola. Crianças e adolescentes em "situação de rua" compõem "naturalmente" o cenário atual no cotidiano das cidades brasileiras. No decorrer desta pesquisa, pretendemos re-situar a discussão existente em torno de "meninos de rua". Para nós, o termo "jovens-meninos de rua" não se reduz à caracterização de crianças e adolescentes que se encontram nas ruas. Utilizamos o termo, enquanto "significante privilegiado", no imaginário social brasileiro, do fenômeno social da delinqüência juvenil.

Ao querermos analisar a relação à violência dos jovens na contemporaneidade e conflitos de processos identificatórios, estamos fazendo um longo percurso cujo ponto de partida são os *jovens-meninos de rua*. Estes são, preferimos de imediato colocar, a antítese dos *jovens-crianças de família*. A identidade destes se firma na contraposição à identidade dos primeiros, os quais são definidos como o anti-modelo social, como o referente negativo "necessário", em torno do qual se consolidam comportamentos, atitudes e práticas sociais contraditórios: anulação e reforço de sua existência. Um e outro se

complementam, um não pode existir sem o outro, da mesma forma em que se dá a *dialética do senhor e escravo* (Hegel).

Existe, a partir da década de 80, uma abundante produção acadêmica e extra-acadêmica (sobretudo das ONGs orientadas para o atendimento social de crianças e adolescentes em “situação de risco pessoal e social”) sobre o perfil, o número, as condições de vida na rua e familiar, a saúde, a situação escolar, o trabalho e a violência social e policial sobre os “meninos de rua”.

Grande parte dos trabalhos foram produzidos na ótica da denúncia, explícita ou implícita, da violência sobre este segmento social, o que fez com que os trabalhos se orientassem com uma tonalidade bastante dramática, na medida em que procuravam — ao ressaltar mais as condições objetivas de miséria física, pessoal e familiar, e ao chamar a atenção para a “quantidade alarmante”⁵ — sensibilizar a sociedade e os órgãos governamentais da urgência de “medidas sócio-educativas” para o resgate dos direitos da criança e do adolescente submetidos à *relegação social*.

Nos depoimentos de educadores de rua, dos trabalhadores sociais em geral, encontramos uma riqueza descritiva de conteúdo da vida dos “meninos”, no entanto, a limitação das categorias analíticas (acima), deixa escapar aspectos fundamentais de reflexão, de tal modo a paralisar a compreensão que se poderia ter, por exemplo, no âmbito de suas práticas institucionais sobre os obstáculos e impasses à inserção social e profissional dos “meninos de rua”, bem como, a estancar o questionamento daquilo que se entende por inserção social no contexto da *dualização* do sistema social atual: os *in* (*inseridos*) e os *out* (*excluídos*), no qual a garantia da existência dos primeiros depende, no atual modelo de desenvolvimento econômico, da existência dos segundos (Takeuti, 1993).

Diríamos mais, ao nível mais abrangente: tal discurso não só paralisa a compreensão dos comportamentos juvenis *desviantes*, mas trata-se de uma *produção de saber* que só tende a reforçar os discursos sociais da *delinquência* juvenil comumente associada à pobreza e à miséria físicas, isto é, que só contribui a reforçar a tendência à *patologização social* de grupos de adolescentes submetidos ao *processo de relegação social*.

Sinteticamente apontamos, neste texto, a configuração do imaginário social em torno do “menor” (e não da criança) ou do “menino de rua” (e não

⁵ A este respeito remetemos ao texto de Rosemberg, 1993: há no texto uma vigorosa crítica sobre a retórica discursiva em torno da abordagem quantitativa “exagerada” a respeito de número de meninos nas ruas (de certo modo, intencionalmente produzido) e sobre as confusões na própria definição de meninos em situação de rua, bem como as equivocadas políticas públicas decorrentes dessa confusão.

“menino na rua”)⁶, indicando algumas de suas dimensões para efeito de articulação de nossa proposição teórica.

Porém, antes esclarecemos a nossa opção pela “noção de imaginário social” (Castoriadis, 1986 e Enriquez, 1992): ela intercede melhor do que a noção de ideologia ou a teoria de representações sociais. Trata-se pois de uma produção de *significações sociais imaginárias e/ou produção de saber* (Foucault) que se dão nos espaços múltiplos das relações sociais e não só em função de posição e condição de classe: não se trata, portanto, de ideologias cristalizadas no âmbito da “grande ou pequena burguesia”, mas de representações e discursos que circulam em todos os micro-espacos sociais, inclusive entre os habitantes de favelas, dos bairros populares e subúrbios distantes que se alimentam e também nutrem todo o *magma de significações* (Castoriadis, op. cit.) em torno dos jovens adolescentes das camadas pobres e excluídas da sociedade de trabalho e de consumo. A nossa opção teórica associa-se às hipóteses por nós formuladas e que apelam para a ordem do inconsciente, das fantasias inconscientes e dos desejos, presentes nesse tipo de produção social imaginária.

São comuns depoimentos como: “Não são crianças, são bandidos. Esse pessoal de rua não tem jeito...passam o dia sem trabalhar, sem fazer nada; devem ter roubado” (in Silva e Milito, 1995:49). Os autores acrescentam ainda que a população que esbarra cotidianamente com os meninos de rua: “aprovam o massacre de Carandiru, pois ‘eles’ matam e fazem o que querem, merecem isso mesmo. Afirmam, inclusive, que tais medidas ‘saneadoras’ deveriam se estender a outros grupos”.

Um primeiro aspecto a notar é que o imaginário da população sofre uma espécie de compressão no sentido em que toda a diversidade de situação das crianças, adolescentes e jovens tende-se lhe apresentar como única. Todos entram na categoria de *marginais delinqüentes*, independentemente das formas em que se apresentam no espaço público — pedintes, vendedores de balas/frutas/picolés, vendedores de serviços supérfluos, assaltantes, agressores visuais (punks), adolescentes prostituídos (as) —, infratores ou não, todos *são jovens-meninos de rua* (significante privilegiado da delinqüência juvenil). E, no momento de suas aparições em grupo, é como se sofressem uma transmutação a “ganguês ou galeras perigosas”. “Nós estamos enjaulados enquanto eles estão por aí, fazendo bem o que entendem”, proclama ao Globo Repórter, no dia 23 de

⁶ A distinção está em que o “menino de rua” é definido institucionalmente como aquele que permanece na rua e perdeu, parcial ou totalmente, o vínculo familiar, enquanto que o “menino na rua” é aquele que permanece temporariamente na rua e possui vínculo familiar, conforme Rosemberg, op.cit.

outubro de 1992, moradora de prédio em Laranjeiras alvo de um arrastão (Silva e Milito, 1995:54). Este é o outro aspecto bastante difundido no discurso social: sentimento generalizado de insegurança e medo das populações, seja no Rio de Janeiro, São Paulo ou Natal, que se lhes destinam uma vida de “auto-trancamento” em suas residências. Elas se sentem cada vez mais acuadas nesta “cultura da violência e do medo”. Às vistas de jovens, com aparência das periferias ou dos subúrbios, as pessoas se tencionam ou entram em pânico e a polícia mais atenta⁷, quando, de imediato não faz uso legítimo de sua força física.⁸

Se os jovens em questão são alvos permanentes de hostilidades, medos e retaliações por parte da população em geral, eles não são neutros nessa relação. Ao contrário, suas posturas irreverentes, agressivas e transgressoras são, em grande parte, assumidas por eles próprios. Um jovem integrante do grupo *anarco-punk* em Natal afirma:

a sociedade tem uma visão superficial da gente, não procura entender o porquê da gente, aproximam-se já com preconceito, tem medo da gente, tem agressividade das pessoas contra nós. Dá vontade de chutar o que está aí estabelecido. É a impotência diante dos problemas do dia-a-dia que leva a descarregar tensões da forma mais imediata. As galeras são violentas como resposta à violência que sofrem, têm razões mais profundas por trás disso...⁹

“São freqüentes os relatos de meninos de rua segundo os quais, ao perceberem que provocam pânico, decidem então assaltar” (Silva e Milito, 1995:51). Tivemos também os mesmos relatos, nos depoimentos dos adolescentes de rua, de nossa amostra, os quais acrescentam que, na lógica de “mostrou medo, assaltei”, existe, para alguns, a motivação da droga: “se pedimos trocados ou se metemos medo prá pegar grana é prá comprar comida sim, mas também é prá pegar droga”.

⁷ A este propósito vale a pena comentar que durante o Carnatal (dezembro/1996) nas nossas filmagens em campo com o roteiro “A exclusão no Carnatal” captamos cenas e falas de jovens sendo afastados pelos policiais das imediações do *corredor da folia* por levantarem suspeitas devido à sua aparência. Havia todo um dispositivo de segurança policial para vigiar as “galeras” ou “gangues” de jovens que estariam vindo inclusive de outros estados vizinhos, conforme nos relatou o coordenador da segurança pública.

⁸ O bairro das Quintas, locus atual de nosso trabalho em campo (um dos núcleos do MNMMR-Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua em Natal), foi no ano passado alvo de permanentes blitz policiais que redundaram em ferimentos e mortes de jovens.

⁹ O lema *dos anarco-punks* é a não-violência física, pela provocação, principalmente visual, através dos seus trajes e cabeleiras estilizados, seus alfinetes espetados e tatuagens no rosto (*estética do lixo*), como forma de expressar a “própria podridão da sociedade”.

As respostas e os avanços, sobre a população, por parte dos adolescentes nas ruas inscrevem-se, portanto, igualmente na produção do imaginário social de *jovens-meninos de rua*, os quais são nela, igualmente, parte ativa e não só objetos passivos de um *discurso social perverso*. Suas condutas agressivas e transgressoras tanto o reforçam, quanto oferecem argumentos para a violência (policial e/ou civil) contra eles, como resposta à violência por eles praticadas nas ruas. De toda forma, eles captam, sejam eles transgressores ou não, que as pessoas “de bem” na sociedade os vêem sempre como *violentos, delinqüentes*. Eles retrucam ao discurso existente¹⁰, apontando as violências também e, em grande número, praticadas pelos “meninos de famílias estruturadas” da sociedade e se sentem *injustiçados, revoltados* e não compreendem a intensidade do ódio que transparece no olhar e atitudes das pessoas em relação aos meninos pobres das periferias os quais, na sua grande parte, não se consideram *jovens-meninos de rua*.

Nem precisam ser “sujos, fedorentos e feios”, tampouco efetivamente “violentos e perigosos”, basta ser jovem ou menino *pobre* da periferia, para ser transformado em ameaça potencial ao bem-estar das pessoas. Abaixo, comentaremos mais detidamente sobre este tipo de violência simbólica e psicológica, para além da violência física acometida pelos policiais sobre jovens adolescentes de determinados bairros periféricos de Natal, considerados “perigosos”. Tornam-se *objeto-tabu*, no sentido dado por Freud (1974), em *Totem e Tabu: perigosos, contagiosos a serem evitados e/ou punidos e, mesmo, “exterminados”*.¹¹

Trata-se de uma relação de hostilidade e de ódio que se instaura entre a parte da sociedade que se considera “boa e sã” e os jovens-meninos de rua considerados “insanos, delinqüentes e perversos”.

Uma análise mais detida dessa relação de ódio conduz-nos à hipótese de que ela fala de algo mais profundo da sociedade: esses jovens são, na realidade, significantes do fracasso do “processo civilizatório”, do fracasso político da modernidade. Eles são a revelação da defasagem que existe entre

¹⁰ No encontro da equipe GSC-Grupo Sociologia Clínica com os adolescentes da Escola Estadual de São Gonçalo do Amarante, na zona norte de Natal, abril/97, os adolescentes participantes do debate levantaram esse ponto de discussão, expressando sentimentos de indignação que só aos pobres remetem esse estigma.

¹¹ O final de história produzido (a vingança-morte) no programa “Você decide” na TV Globo em 17/04/97, na trama da tentativa de estupro por um adolescente (de “rua”) cuja vítima é uma profissional da área social é revelador do pensamento corrente na sociedade a respeito do destino a ser dado a essa categoria de jovens brasileiros, quer tenha ou não sido uma manipulação dos resultados pela própria emissora de televisão.

a realidade, tal qual a sociedade gostaria que fosse e tal como ela é verdadeiramente, razão pela qual eles incomodam muito, enquanto *sintoma social* (Zizek, 1992).

Eles apontam, com suas presenças no espaço público, os *furos* por onde extravasam não só as contradições sociais, mas também de onde se revela a faceta cruel da sociedade. No entanto, ela nega em si esta faceta, projetando-a sobre os *marginais delinquentes* (os “sintomas”) e assim dirimindo-se do fracasso e da culpa própria. Ao projetá-la “para fora de si” e em *locus* determinados onde há a facilitação de absorção, os *objetos alvos* terminam por introjetá-la, de tal modo que passa a ser determinante de suas identidades, doravante, mais vulneráveis.¹²

A “crise ou fragilização das identidades”, a nível global, atinge-os, porém, nem mais e nem menos que os jovens de outros segmentos sociais, tidos como de “famílias estruturadas”. Tal crise, específica das sociedades modernas, caracteriza-se pela impossibilidade, principalmente para os jovens, em reproduzir o modelo de processos anteriores de identificações. Isto é, eles não podem mais se identificar a “objetos sociais” pela mediação de afetos e/ou pela sublimação — processos de simbolização. Esta impossibilidade impede ou perturba o trabalho de integração coesiva entre todas as identificações estruturantes da vida da criança e do adolescente.

Dito de outra forma, os ideais sociais na contemporaneidade estariam comprometidos devido:

- às mudanças ocorridas na estrutura familiar — enfraquecimento, ausência ou perda de um suporte parental no processo de constituição das identificações;
- à sociedade não se constituir mais em um universo de simbolização de suas produções permitindo aos indivíduos se co-identificarem.
- Outros fatores relacionados à sociedade de consumo e de *massa* (Jameson, 1996; Baudrillard, 1981; Balandier, 1988) onde se desenvolvem processos de personalização (Lipovetsky, 1983), a pesada gestão do Eu (Sennett, 1988) ou a cultura do narcisismo (Lasche, 1979) devem ainda entrar em consideração para compreendermos em quê as sociedades modernas não estariam criando condições simbólicas de uma base identificatória.

Neste eixo de reflexão, interrogamo-nos como os objetos de identificação que têm função de suporte para os interditos se acham comprometidos de

¹² Não esqueçamos que se trata de uma categoria de idade onde o jovem se encontra preso aos conflitos típicos da adolescência.

forma a dar vazão às “perversões”¹³ múltiplas que ocorrem na sociedade atual. A hipótese subjacente é a de que os interditos sociais não estão mais apoiados pelo Ideal do Ego. Tal dissociação induziria a impossibilidade de integrar a nível da identidade, os interditos, fazendo com que se liberem pulsões agressivas. Interrogamo-nos ainda se não existe relações entre de um lado, o enfraquecimento dos interditos, a desestabilização de referências, e de outro, o medo, a ansiedade cristalizados na imagem da delinquência juvenil.

Isto nos conduz, por sua vez, à hipótese relativa à *falência da função paterna* na contemporaneidade. Dentre as obras disponíveis sobre o assunto, sobretudo no campo psicanalítico, consideramos que as interpretações fornecidas por Mitscherlich (1969) elucidam o progressivo e inevitável enfraquecimento da figura paterna, base da identificação socializante, bem como o esvaziamento de todo conteúdo da autoridade a partir do dismantelamento do Ideal do Ego.

O referencial psicanalítico para a elaboração desse quadro compreensivo teórico nos será de grande utilidade, neste eixo de reflexão, conjugado com referenciais sociológicos de análise da sociedade contemporânea cujos meios institucionais, comprometendo as formas de subjetivações, não defendem mais o indivíduo contra a perda de sentido.

A natureza das hipóteses, onde o psicológico e o social se articulam reciprocamente, impõe uma análise qualitativa onde o “Sujeito” é o lugar preferencial da nossa investigação. Se o sujeito está em foco porque nele se cristalizam as diferentes determinações, isto não implica que nossa análise permaneça somente a este nível.

Num registro genealógico, as análises de Foucault (1976) balizam a compreensão de um dos aspectos da sociedade capitalista neoliberal a qual procura investir, esquadrihar e disciplinar os corpos a serem “úteis e dóceis” para servirem o sistema. Contudo, amplas parcelas das populações, em vários países, avançados ou não, não são alvos de investimentos e ficam de fora do *domínio disciplinar* destinado às *jovens-crianças de família*.

Há uma importante parcela da população infanto-juvenil para a qual se reserva um outro *domínio de controle* — aquele que tem por fundamento a idéia de que esta população é a parte “insana” da sociedade, que coloca em risco a outra infância e juventude a ser “bem cuidada”. A divisão na infância e na juventude nomeia não só os lugares a serem ocupados sócio-economicamente na sociedade, mas reserva a cada parcela um destino a ser cumprido,

¹³ O ensaio *Ética e estética da perversão* de Chasseguet-Smirgel (1991) poderá contribuir para a nossa compreensão da perversão, enquanto dimensão da psiquê humana e o importante lugar que ocupa no domínio sócio-cultural.

no âmbito simbólico — de uma parte, a parcela do *inserido* socialmente e sujeito de direitos e, de outra, a parcela do *excluído* de direitos, do *nadificado* sujeito da provocação do mal-estar na sociedade.

Esse quadro sócio-psicológico mais abrangente, atinente aos conflitos de identificações e às fragilizações identitárias na contemporaneidade, contribuem para a compreensão do processo que denominamos tentativas de *valorização narcísica*¹⁴ na sua relação com a formação da *identidade negativa*.¹⁵ Esta se constitui através dos processos de estigmatização social e de relegação a um lugar social simbolicamente invalidante do jovem a partir do momento da internalização dos discursos sociais “negativos” relativos ao seu meio e ao seu grupo social. Nesse emaranhado complexo onde se sobredeterminam instâncias de diversas ordens — pulsional, simbólica, psicológica, social, cultural e institucional — estão contidos os impasses e dificuldades de se “encontrar saídas” para esses jovens.¹⁶

Na investigação das razões e fatores suscetíveis de afetar as identidades juvenis na sua busca de inserção social, consideramos importante os fatores de ordem econômica (produtividade, progresso técnico e as reestruturações do mundo do trabalho desencadeando a cascata de desempregos e trabalhos informais precários,...) e os fatores relativos aos elos sociais (distensão dos elos familiares e as redes de proximidade, privando os indivíduos da proteção fornecida pela sua integração no tecido relacional,...), mas também e fundamentalmente para nós, são importantes os fatores de ordem simbólica (geralmente menos evocados), pois “é o sistema de valores de uma sociedade que define o fora-da-norma como sendo sem valor e sem utilidade social” (De Gaulejac, 1994:22). O indivíduo é avaliado em função de sua utilidade social que é, na maior parte das vezes, mensurada pela renda, pelo poder que pode

¹⁴ Implicando em mecanismos de defesa individual e coletivos que, muitas vezes, redundam em violências físicas sofridas e também exercidas.

¹⁵ O senso comum através de palavras definidoras de estereótipos (Maisonneuve, 1973), que se caracterizam por atitudes rígidas, esquemáticas, avaliadoras, despertadoras de sentimentos negativos, além de caracteres como especificidade e uniformidade em grupos, vai transmitir todo um sentimento de desprezo não sem conseqüências a nível da identidade do sujeito adolescente.

¹⁶ A questão fundamental que se coloca aqui é: quais “saídas positivas” e para quem? É nesse ponto que achamos fundamental interrogar a própria definição socialmente aceita de inserção profissional e social. Este trabalho visa analisar a *inserção como uma relação social*, considerando que os problemas encontrados tanto pelos jovens *excluídos*, como pelas instituições de atendimento social, são a expressão mesma das contradições sociais diversas. Deveremos assim considerar que a significação profunda de inserção só pode ser compreendida em referência ao contexto social e histórico.

exercer sobre os outros e pela quantidade de bens que ele pode adquirir. Aqueles que não correspondem a essas normas acabam não tendo valor para a coletividade. As exigências normativas da sociedade — sucesso profissional, padrão de consumo, realização sexual e pessoal — levam os indivíduos não sucedidos a serem desvalorizados e desprezados e a terem vergonha de si, o que, muitas vezes, é paralisante ou desencadeador de condutas agressivas ou destrutivas.

Sentimentos de humilhação, de vergonha e, muitas vezes, de culpa evidenciam-se nas falas dos jovens. Sentimentos difusos que se misturam à revolta e/ou à vontade, a todo custo, de alterar essa situação que os remete à condição de *desqualificados sociais*.

Por vezes, eles se sentem indignados e se revoltam contra uma sociedade injusta, e em outros momentos, sentem-se *humilhados*, *envergonhados*, até mesmo *culpados* em ocuparem essa posição e condição social e de não estarem à altura de um reconhecimento social. Terminam por viver como *fracassados*, *uns nada*, *perdedores*. A partir da violência psicológica engendrada nos processos de estigmatização social e relegação simbólica, o fracasso social vai ser absorvido, a nível individual, como se o jovem, na sua condição de pobreza, fosse o único responsável pelas mazelas contidas na sociedade.¹⁷

Em uma sociedade que prega a *excelência*¹⁸, como princípio de reconhecimento e aceitação social, não se perdoa *handicaps* — sejam de ordem física, racial, moral e/ou psicológica. A inserção social, já o dissemos, não é uma condição para todos na sociedade atual. Mesmo para os que possuem um capital cultural, econômico, social e simbólico (cf. Bourdieu, 1992), não há a garantia total em realizá-la. Na sociedade atual, há uma

violência simbólica das normas que valorizam as imagens de sucesso fundados no efêmero sucesso dos *golden boys*, das *stars* do show business e estigmatizam os mais fracos, os mais idosos, os mais desmunidos, as 'pessoas pequenas e poucas'. (De Gaulejac, 1994:16)

Acrescente-se ainda que,

a sociedade moderna liberal gerou um desprezo por aqueles que não conseguiram ser bem sucedidos ou que não possuem indicio de serem bem sucedidos. A exclusão é redobrada por este desprezo que

¹⁷ Esse quadro analítico refere-se a jovens adolescentes cujas transgressões não chegam ao limite de violência criminalizada, mas de pequenos furtos, drogas, prostituição, provocações, brigas.

¹⁸ Cf. discutimos em nosso trabalho anterior, *A pobreza e a exclusão social no primeiro mundo*, op.cit.

atinge cada um tanto como 'pessoa humana' como na sua personalidade. A reivindicação de uma 'igualdade de dignidade' ou a 'luta por ser visto' encontram sua fonte dentro desta experiência particular. A maior parte dos incidentes e das violências geradas que degeneraram em motins tem mobilizado precisamente estes sentimentos. (Lapeyronnier, 1992:15)

Submetidos ao processo de estigmatização, ao desprezo social, enquanto "jovens-meninos de rua", "galeras", "vândalos" ou "prostituídos(as)", suas identidades pessoal e social são forjadas a partir do olhar social que lhes impõe toda uma carga de negatividade. A sociedade lhes reserva, de antemão, um lugar concreto que determina suas condições objetivas de carência, de falta econômica e social e, também, destina-lhes um lugar simbólico negativo cujas determinações, nas suas condições subjetivas, interferem preponderantemente no processo de integração/exclusão social.

Os jovens das periferias e bairros mais pobres recebem então o estigma de *delinqüente e perverso*, antes mesmo do seu nascimento. Num complexo processo interativo entre, de um lado, o olhar, a expectativa e o discurso social referente ao *jovem ou menino de rua* e, de outro, a absorção de todo o construto social pelo jovem, constitui-se a sua identidade de jovem — *delinqüente, violento, marginal e transgressor* —, ou seja, a sua *identidade social virtual* (Goffman, 1978), a qual passa a nortear as relações sociais entre ele e as pessoas do seu círculo, bem como com as de fora dele.

Para Goffman, o estigma — sinalizador do *caráter maléfico* de determinadas pessoas na sociedade — decorre da discrepância entre a *identidade social virtual*, o que o indivíduo deve ser de acordo com as expectativas sociais, e a *identidade social real*, o que o indivíduo prova ter como atributos e que pode servir de referencial exato sobre o seu modo de ser no mundo. Quanto ao processo de constituição da *identidade social virtual*, ele não nos apresenta dúvidas e interrogações, à primeira vista. Mas o que é *identidade social real* e como diferi-la da *identidade social virtual*? Não nos parece ser possível efetuar claramente a distinção proposta pelo autor: seja ela, a nível do vivido do sujeito quanto a sua identidade "própria" (que prova ter) e a identidade a "partir do outro" (que deve ser); tampouco, a distinção não parece ser possível, a nível da abstração teórica.

Lévi-Strauss (1979:322) observa que a identidade é uma noção multidimensional e contraditória: "a identidade é uma espécie de lar virtual ao qual nos é indispensável fazer referência para explicar um certo número de coisas, mas ela jamais tem existência real". Numerosas são as conceituações de identidade (muitas vezes, assimilada à noção de personalidade). Tomam conota-

ções diferenciadas (nem sempre divergentes) segundo aquilo que se leva em conta nos diferentes registros que constituem a personalidade do indivíduo e de acordo com o campo disciplinar em referência — sociologia, antropologia, psicologia social, psicanálise.

A psicanálise (freudiana) não fornece diretamente o conceito de identidade e propõe outras categorias psicanalíticas — Ego, Superego, Ideal do Ego e Id (instâncias psíquicas)¹⁹ — de apreensão *disso* que “não tem existência real” (como diria, L. Strauss). Isso (*Id*), o *sujeito* ou a *identidade*, se constitui, ao longo da vida da criança e do adolescente e mesmo nas fases adultas, pelo processo conflituoso de identificações, através de uma complexa “operação” que se dá ao nível das instâncias psíquicas. A psicanálise postula que o fundamento da *identidade* (ou da constituição do *sujeito*) está nos processos de identificação no interior das relações do sujeito com as figuras parentais ou com os seus substitutos, ou mais exatamente, com as *imagos* parentais.

Do mesmo modo que para as Ciências Sociais, “o fundamento da identidade está nas relações do indivíduo com um sistema de parentesco, com os grupos de pertencimento, com as instituições e as redes sociais aos quais ele pertence, com as classes sociais que caracterizam o funcionamento social do mundo que ele participa” (De Gaulejac, 1987:99), a psicanálise considera que o sujeito é constituído e definido radicalmente pela alteridade no campo social. Se ela enfatiza as primeiras relações objetais, onde a família ocupa um papel determinante na constituição do sujeito, ela considera igualmente a problemática familiar inscrita na rede social. É com Lacan (1978) que a questão da alteridade no campo social ganha clareza: “o sujeito humano é, desde antes do seu nascimento, e para além de sua morte, preso na cadeia simbólica...”. Inexiste, nesta concepção uma mônada fechada, como interioridade absoluta; a interioridade subjetiva remete sempre para a exterioridade do outro. A criança, antes de nascer, já é marcada pelos significantes parentais — nomeado, imaginado, desejado, pensado, falado por *outros* que, por sua vez, já estão numa rede simbólica — ou seja, numa rede discursiva de uma estrutura social e histórica. Deixemos claro que, nesta concepção, esse *Outro* determinante da identidade é o objeto significativo de investimento afetivo e pulsional por parte do sujeito em processo.

Correndo o risco de críticas quanto a ausência de uma explanação dos processos conflituosos de edificação das instâncias psíquicas, incidiremos diretamente nos pontos que intercedem na análise da nossa população em questão e as hipóteses e interrogações que norteiam nossa proposição analítica.

¹⁹ Conforme a 2ª tópica freudiana, O Ego e o Id.

Esta opção teórica remete-nos incondicionalmente, no caso dos nossos jovens adolescentes excluídos do sistema social cujo Outro significativo é também o “excluído, rejeitado e desvalorizado socialmente”, à hipótese de agravamento dos conflitos de identificação engendrando feridas narcísicas dificilmente reparáveis e cuja gênese encontra-se na articulação entre os processos sociais e os processos psíquicos. Indica-se com isso que as tensões psíquicas podem se acentuar quando o indivíduo se vê confrontado às tensões de ordem social, advindas do seu ambiente externo — imagem social negativa do seu grupo social de pertencimento e que incidem diretamente na imagem ideal de si. Melhor dizendo: comprometendo o Ideal do Ego, ou ainda, como se diz, no senso comum, “machucando o narcisismo próprio”.

Acima, colocamos, propositadamente, o Ideal do Ego entre as instâncias do aparelho psíquico, devido a sua importância na nossa proposição teórica, sabendo que em Freud, esta instância e a do Superego foram, muitas vezes, confundidas e outras vezes, diferenciadas, sobretudo a partir de 1920, na terceira teoria das pulsões.

A razão que nos leva a fixar mais atenção sobre a noção de Ideal do Ego está em que as nossas hipóteses relativas aos fenômenos de transgressão juvenil, no universo da população descrita acima, está, a nosso ver, mais diretamente associado ao sentimento de inferioridade e vergonha, cuja origem está no Ideal do Ego. É ele quem fixa as exigências idealizadas que vai demandar ao Ego de realizá-las. O sentimento de inferioridade se manifesta sempre que o Ego se sente incapaz de realizar os ideais. A vergonha (imagem desvalorizada de si mesmo) surge quando o Ego confronta-se ao fracasso.

No capítulo “O complexo de inferioridade”, De Gaulejac (1987:171-6) esmiuça as diferenças conceituais existentes entre o Ideal do Ego e o Superego, bem como os desdobramentos que se verificam na conceituação do primeiro nas diferentes obras psicanalíticas. O autor nos remete à tese de Chasseguet Smirguel (1973:21) para quem o Ideal do Ego seria uma “fantasia projetada à frente”, complementando-a com a observação de que se trata de uma “fantasia resultante da perfeição narcísica perdida sob a influência da crítica parental (p.173). Nesse sentido, existiria uma instância com a tarefa de “verificar se a satisfação narcísica está bem assegurada em função do Ideal do Ego e que, com este fim, vigia constantemente o Ego real e o confronta a este ideal” (Chasseguet Smirguel apud De Gaulejac, p. 173). Trata-se, conclui De Gaulejac (ibidem), “de algum modo, de um processo de avaliação permanente do Ego em relação às exigências interiorizadas, processo bem descrito pela expressão ‘estima de si’”.

Resguardadas as discussões em torno do estatuto do Ideal do Ego, no interior do aparelho psíquico, indicamos aqui alguns dos seus traços mais característicos (apontados no capítulo “o complexo de inferioridade”), para fins de construção das nossas hipóteses teóricas.

O Ideal do Ego seria o herdeiro do narcisismo primário e uma *instância de incitação* que leva o Ego, num primeiro tempo, a reconquistar sua perfeição perdida através da busca, fora dele próprio, de objetos totais ou parciais idealizados. O narcisismo seria constantemente solicitado, incitando o Ego a se superar para “estar à altura” de sua imagem idealizada, contrariamente ao Superego que é uma *instância de adaptação* que fixa limites ao Ego. O Ideal do Ego é aqui concebido como aquele que leva o Ego sempre no caminho da *transcendência* (atingir um outro *estado de si*), de busca de modelos de identificação dos atributos e das qualidades mais “elevadas” que aqueles que o indivíduo se atribui para si mesmo. Assim, é uma *instância de deslocamento* que incita o indivíduo a buscar modelos em outros lugares, fora daqueles assinalados por herança.

A partir destas colocações teóricas, urge a questão relativa a esse jovem pertencente ao segmento social desfavorecido — nos planos econômico, cultural e simbólico — e com uma trajetória que tende sempre e cada vez mais a desqualificá-lo: como se estrutura o seu Ideal do Ego, tendo em vista a estrutura familiar onde os seus primeiros modelos identificatórios ou se lhe faltam (falta de pai real ou pai simbólico mal constituído) cujo corolário seria a falta de castração simbólica (com conseqüências na constituição da instância superegógica) e/ou são modelos sociais altamente rejeitados (pais violentos, pais desqualificados) cujo corolário seria a falta de elementos balizadores do Ideal do Ego?

Uma grande maioria desses jovens, encontram-se na repetição da exclusão sofrida pelos pais e para muitos, ainda, a exclusão atinge gerações anteriores aos seus pais. Há um número significativo de adolescentes, de ambos os sexos, em situação de ausência da figura paterna²⁰ e cujo vínculo familiar vai se dar essencialmente com a mãe e avó materna. Temos, ainda, contato com um adolescente que mora com irmãos, sendo todos eles de pais diferentes. E outro, cujo pai encontra-se na prisão.

Entramos aqui, portanto, num universo familiar cujas tramas intra-familiares escapam ao modelo padrão da família nuclear tradicional. Nos relatos de educadores de rua, encontramos a denominação “famílias desestruturadas”

²⁰ Não conheceu o pai, conheceu mas o viu raramente ou o pai é separado da mãe há muito tempo.

para a definição dessa estrutura diferenciada dos moldes estabelecidos socialmente. Para nós, essa definição não nos diz nada, pois nesse universo, a constelação familiar é bastante diversificada. Se temos como hipótese de que as relações parentais são determinantes na constituição de identidades, deparamo-nos aqui com uma enorme dificuldade: nada nos indica que haja um *tipo-ideal* (Weber) possível de ser elaborado, permitindo a elaboração de um quadro teórico geral que articule a relação entre universo familiar e relações parentais e a fragilidade da constituição do Ideal do Ego que não estaria mais cumprindo o seu papel de sustentação dos interditos sociais. Só a análise de casos (tal como na clínica) envolvendo estudos particularizados de biografias individuais poderão abrir, cada vez mais, o nosso leque de compreensão desse universo, sem que contudo atinjamos a uma tipologia *de jovens transgressores*, mesmo porque a nossa pesquisa distancia-se dessa *démarche*.

No momento, o que podemos já colocar em perspectiva de análise é a hipótese do conflito ambivalente de identificação às imagos parentais e reativação das *feridas narcísicas*: o jovem ama/deseja e odeia/rejeita esse seres queridos, mas desqualificados socialmente. Envergonha-se deles que são ou foram seu primeiro objeto de amor, pois eles são tudo que é o inverso do que se deve ser nesta sociedade de culto do sucesso. É nesse sentido que dizemos que as *feridas narcísicas* já estão contidas nas *imagos* parentais, principalmente quando relacionamos a identificação a esse *Outro* sofrendo a determinação das significações sociais imaginárias, do ser sucedido e mal sucedido, válido ou invalidado, ditadas pela cultura de consumo de bens e signos (como já comentamos acima, relativamente à dimensão simbólica das relações do indivíduo na sociedade). Embora os jovens da nossa pesquisa sejam “excluídos” do sistema de consumo e de competição narcísica, através do investimento de bens e signos de beleza — de conquista e de sucesso —, devido às suas condições objetivas e subjetivas de vida, eles não deixam de ter como referência os valores do sistema cultural que guiam os *inseridos*. Os valores do mundo dos *inseridos* que prega o modelo de perfeição, de excelência é que denotam o mundo do jovem “excluído”, como *invalidado*, a começar pelas primeiras figuras de identificação.

As *feridas narcísicas* seriam consequência dos processos de invalidação e desvalorização, tendo por um lado, as suas raízes nas relações da primeira infância, por outro, a sua produção e seu reforço no curso do processo de confrontação à imagem invalidada e desvalorizada socialmente de seus pais, de seu grupo de pertencimento e à imagem de si. Aqui estamos orientados pela hipótese teórica em que o Ideal do Ego não está somente submetido às leis do funcionamento do aparelho psíquico, mas também influenciado pelo

contexto social onde ele se desenvolve (De Gaulejac, 1987). Hipótese em que as tensões psíquicas podem ser ampliadas a partir de uma tensão que se coloca ao indivíduo, no plano social.

Se de um lado, postulamos lacunas relativas aos modelos identificatórios, no seu meio familiar e meio social, por outro, estamos observando que a *falta de apoio* das representações não se dá só nesse seu meio ambiente mais imediato, mas trata-se de uma lacuna verificada na sociedade como um todo (conforme as nossas hipóteses acima concernentes à sociedade contemporânea e a falência da função paterna).

A partir da análise das tensões psíquicas que se articulam com tensões advindas do plano social, pensamos encontrar a possibilidade de investigar os mecanismos de defesa dos jovens na suas tentativas de *valorização narcísica*. A análise dos mecanismos de defesa podem fornecer uma maior clareza dos móbeis das transgressões — aqueles que os conduzem a se juntar em “turmas ou galeras” —, das “motivações” que subjazem às suas condutas transgressoras de conotações violentas socialmente e dos impulsos de agressividade e de auto-destruição (drogas, brigas, confrontos mortais). Os mecanismos de defesa individual, vistos na ótica de regulação de sua condição psíquica, podem significar, ao nível social, mecanismos de anulação de si enquanto sujeito social.

Diversos autores (Erikson: 1987, Rogers: 1959, Malewska-Peyre: 1981, entre outros) apontam que a imagem de si ocupa um papel importante, na vida de um indivíduo, como motivação de atividade. A imagem de si, mesmo quando ela é globalmente positiva, estaria sujeita à oscilações. Ela depende de nossa saúde, de nossa capacidade em realizar nossos objetivos e a satisfazer nossos desejos, mas também depende do reconhecimento dos outros.

O fator reconhecimento pelos outros é muito importante durante a adolescência quando existe uma defasagem importante entre a imagem de si e a imagem que os outros (sobretudo os adultos) têm do jovem. Esta fase pode vir a ser conturbada pelo fato de que o próprio adolescente se julga ele próprio de maneira contraditória, pois a adolescência é um período de mudanças e de busca de novos modelos identificatórios.

São inúmeros os estudos sociológicos que apontam a integração de um jovem numa *gangue* ou *galera*, como um movimento seu de busca de um lugar de reconhecimento pelos outros. A *galera*, a *turma de rua*, o grupo de jovens (torcidas organizadas, punks, ...) de um dado estilo é um lugar de tentativa de revalorização de uma imagem negativa de si, um meio de *transcender* o sentimento de fracasso do seu Ego fragilizado. Junto aos colegas de *turma*, ele pode se sentir o *mais forte*, o *mais corajoso*, *revigorado*:

naquele meio há energia vital, há a possibilidade de expressão; a aproximação se dá pela necessidade de identidade, de ter estilo próprio; necessidade de um espaço para expressão das angústias e da energia vital pois a sociedade e a família fecham o espaço.²¹

O nó da questão está em que este lugar possui significados socialmente “negativos” (marginalidade, criminalidade e/ou delinqüência) os quais vão terminar reforçando a sua imagem social negativa de si e reativando o sentimento de fracasso e concorrendo ainda mais à vulnerabilidade do seu Ego. O ideal do Ego o impulsiona à reparação de suas feridas narcísicas, à busca de regulação aos sentimento de inferioridade e vergonha, à conquista de sua auto-estima, bastante comprometida devido aos estigmas que já se “colaram à sua pele”, no entanto, o *princípio de realidade* repõe-no sempre para aquele lugar simbólico que lhe foi definitivamente destinado, até mesmo para a sua reparação narcísica. Este lugar simbólico que lhe pertence é o lugar da delinqüência e da transgressão, cujas significações sociais na contemporaneidade não comportam o sentido de *metamorfose e regeneração*²², mas sim de morte.

Numa perspectiva bastante próxima dessa, Malewska-Peyre (*op.cit.*), em seu estudo sobre os jovens de famílias de imigrantes na França, elabora um itinerário hipotético da delinqüência. Para ela, o fracasso ou a falta de competência podem ser explicados pelo contexto social negativo, mas a delinqüência só pode ser explicada a partir da tentativa de revalorização, por parte do jovem que se sente fracassado socialmente. Sua análise demonstra um grande avanço em relação a certos estudos na medida em que contém a hipótese de delinqüência na própria “atividade” dos jovens, ou seja, no seu “agir ativo” (tentativa de revalorização). Comparativamente, há estudos que só tendem a mostrar o desenvolvimento da delinqüência do jovem enfatizando o “agir ativo” das estruturas sociais — contexto social negativo, pobreza, miséria, exclusão, que levam “naturalmente” um jovem para o caminho das drogas, dos crimes, dos delitos, etc... Estes enfoques encerram um olhar equivocado das “classes pobres” que são em si ou se tornam por si sós “classes perigosas”; ou seja, há nessas abordagens uma *naturalização* da delinqüência do sujeito pobre. Para Malewska-Peyre, a delinqüência e a transgressão da lei são “sintomas da crise de identidade”.

²¹ Depoimento de um jovem componente do grupo anarko-punk, nas suas análises sobre as motivações de busca de grupos de jovens.

²² Assim como o era na Antiga Grécia, nos ritos dionisíacos... Daí o uso massivo de drogas pelos jovens.

Da mesma forma, a nossa proposição envereda por um caminho que se distancia daquelas proposições para as quais as condutas juvenis *desviantes* são simplesmente reações (retaliação ou revoltas) à violência social a que eles estão submetidos. Para nós, a experiência concreta vivenciada e representada dos processos de dominação, de invalidação e de segregação social (conflitos de ordem social) são fatores que ocupam um importante papel nos conflitos psíquicos e que podem engendrar condutas sociais desviantes ou transgressoras.

ABSTRACT

This research notes of 1997 and indicate the fundamental axis of an investigation done under the clinical sociology approach about youngsters who are submitted to processes of stigmatization and social exclusion in urban peripheries. The analysis concentrates on their processes of identity construction and in relation to social, psychological and symbolic forms of violence.

RÉSUMÉ

Ces notes de recherche datent de 1997 et indiquent les axes fondamentaux d'investigation de l'approche de la Sociologie Clinique sur les jeunes des périphéries urbaines soumis au processus de stigmatisation et relégation sociales. Les analyses s'orientent sur leurs processus de construction identitaire dans leurs rapports aux violences sociales, psychologiques et symboliques.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramo, Helena Wendel. (1994) *Cenas Juvenis - punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta.
- Balandier, George. (1989) *Le désordre, Éloge du mouvement*. Paris: Fayard.
- Baudrillard, Jean. (1985) *A sombra das maiorias silenciosas - O fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1981) *Simulacres et Simulations*. Paris: Ed. Galilée.
- Bloch, H. & Nierhoffer, A. (1958) *The gang: a study in adolescent behavior*. Nova York: Philosophical Library.
- Bourdieu, Pierre. (1992) *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Castoriadis, Cornelius. (1982) *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Caiafa, Janice. 1989 *Movimento Punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Chasseguet-Smirgel, Janine. (1973) *Essai sur l'idéal du Moi*. Paris: PUF.
- _____. (1991) *Ética e Estética da Perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Costa, Márcia Regina. (1993) *Os "Carecas do Subúrbio": caminhos de um moderno*. Petrópolis: Vozes.
- De Matos, Wagner Neves. s/d *Gangues: protesto à marginalidade? Um estudo sobre a formação de grupos de jovens denominados gangues em Corumbá*. Corumbá: mimeo.
- Dubet, François. (1987) *La galère: jeunes en survie*. Paris: Points.
- Enriquez, Eugène. (1992) *Organisation en analyse*. Paris: PUF.
- Erikson, H. Erik. (1987) *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- Foracchi, Marilene. (1995) *A Juventude na Sociedade Moderna*. São Paulo: Ed. Pioneira.
- Foucault, M. (1995) *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1976) *Histoire de la Sexualité 1 - La volonté de savoir*. Paris: Ed. Gallimard.
- Freud, Sigmund. (1974) *O mal-estar na Civilização*, E.S.B., vol. XXI. São Paulo: Imago
- Totem e tabu*, E.S.B., vol. XIII. São Paulo: Imago.
- Psicologia Coletiva e Análise do Ego*, E.S.B., vol. XVIII. São Paulo: Imago.
- Além do princípio do prazer*, E.S.B., vol. XVIII. São Paulo: Imago.
- O Ego e o Id*, E.S.B., vol. XIX. . São Paulo: Imago.
- _____. (1992) (coord.) *Honte et Pauvreté - Déchéance sociale et processus d'insertion*. Paris: Laboratoire de Changement Social, Université de Paris 7.
- Goffman, Erving. (1978) *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 2ª. ed.. Rio de Janeiro: Zahar.
- Graciani, Maria Stela (1994) *Gangues: Um Desafio Político-Pedagógico a ser superado*, trabalho apresentado no Seminário Grupos Organizados da Periferia e Violência. São Paulo: Puc (mimeo).
- Grupo dos Carecas*, (1994).trabalho apresentado no Curso Problemas Urbanos, Violência e Delinquência, Núcleo de Trabalhos Comunitários, São Paulo: PUC, mimeo.
- Guirado, Marlene. (1986) *Instituição e Relações Afetivas - O vínculo com o abandono*, São Paulo: Summus editorial.
- Jameson, Fredric. (1996) *Pós-modernismo - A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática.
- Lacan, Jacques (1978) *Escritos*. São Paulo: Perspectiva
- _____. (1979) *Seminários. Livros 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11, 17, 20*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lapeyronnier, Didier. (1992)
- Lasche, Christopher. (1979) *A Exclusão e o Desprezo*. São Paulo: Tempos Modernos, n. 545-546.

- Lipovetsky, Gilles. (1983) *The culture od narcissism*. New York: Warner Books.
- L'ère du vide - Essais sur l'individualisme contemporain*. Paris: Gallimard.
- Maisonneuve, Jean. (1973) *Opinions, Stéréotypes et Représentations Collectives*, in *Introduction à la psychosociologie*. Paris: PUF.
- Malewska-Peyre, Hanna. (org.) (1981) *Crise d' identité et déviance chez les jeunes immigrants*. Paris: La Documentation Française.
- Mitscherlich, Alexander. (1969) *Vers la société sans pères*. Paris: Gallimard.
- Rogers, Carl. (1959) *A theory of therapy, personality and interpersonal relationship, in Psychology: A study of the science*. New York: Ed. S. Koch Mc Graw Hill.
- Rosemberg, Fulvia. (1993) O discurso sobre criança de rua na década de 80. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, n. 87.
- Sennett, Richard. (1988) *O declínio do homem público - As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, Hélio & Milito, Cláudia. 1995 *Vozes do meio fio - Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumara.
- Takeuti, Norma 1993 *A pobreza e a exclusão social no primeiro mundo*. Natal: Revista Vivência, v.7, n.1.
- Zizek, Slavoj 1992 *Eles não sabem o que fazem: O sublime objeto da ideologia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.